

**Estratégias de Elaboração da Ansiedade nas Respostas *Sequências de Cenas* na Prova
Projectiva para Crianças “Era uma vez...”**

Rute Pires & Teresa Fagulha

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação – Universidade de Lisboa

Alameda da Universidade

1649-013 Lisboa

Tel.: 21 794 36 00

E-mail: r.pires@fpce.ul.pt e tfagulha@fpce.ul.pt

Resumo

Procedeu-se à validação de quatro modalidades de elaboração da ansiedade identificadas nas *sequências de cenas* organizadas para dar continuidade às histórias dos cartões da Prova "Era uma vez...". Definiu-se uma modalidade que traduz o não reconhecimento da ansiedade – *Negação* – e três modalidades em que este afecto é reconhecido: a *Estratégia Adaptativa Operacional* e a *Estratégia com Equilibração Emocional* correspondem a duas formas adaptativas, mas distintas, de elaborar a ansiedade; a *Impossibilidade* traduz o insucesso na elaboração adaptativa da ansiedade.

Procedeu-se à descrição das modalidades mais utilizadas em cada cartão da prova e ao estudo da sua evolução, dos 6 aos 10 anos, numa amostra de 100 crianças sem perturbação emocional identificada. A hipótese de que, com o desenvolvimento, a frequência de utilização das estratégias adaptativas aumenta e as frequências de utilização da *Impossibilidade* e da *Negação* diminuem, foi confirmada. Procedeu-se à descrição destas modalidades numa amostra de 30 crianças, dos 6 aos 10 anos, com perturbação emocional identificada. Previa-se que estas crianças utilizassem um maior número de estratégias *Negação* e *Impossibilidade*, em relação às crianças sem perturbação emocional identificada e, simultaneamente, um menor número de estratégias adaptativas. A comparação entre os resultados obtidos nos dois grupos não apresenta diferenças significativas.

Palavras-chave: Estratégias de Elaboração da Ansiedade; Psicopatologia; Técnicas Projectivas

**Anxiety Elaboration Strategies in the Responses *Sequences of Scenes* in the
“Once-upon-a-time...” Projective Technique**

Abstract

We proceed to the identification of four anxiety elaboration strategies in the responses *sequences of scenes* in the “Once-upon-a-time...” test. A strategy which corresponds to the denial of the anxiety – Denial –, two strategies which represent different means of positive dealing with anxiety – Operational Adaptative Strategy and Emotional Equilibration Strategy –, and a fourth strategy which represents the failure of the elaboration of this emotion – Impossibility – were conceived.

In a sample of 100 children, with ages ranging from six to ten years, without psychological difficulties, the evolution of the strategies was studied according to their age and expressiveness in each card of the "Once-upon-a-time..." test. The process of growing implies an increase of the adaptative strategies – Operational Adaptative Strategy and Emotional Equilibration Strategy – and a decrease of the Denial and Impossibility. These findings were expected in theory and support the validation of the strategies that have been conceived. Comparing these results with those of a sample of 30 children, six to ten years old, with psychological difficulties, it was expected that, in this latter group, the adaptative strategies would be lower and the Denial and Impossibility would be higher. There aren't meaningful differences between the results of the two groups.

Key words: Anxiety Elaboration Strategies; Psychopathology; Projective Techniques

Introdução

A Prova “Era uma vez...” (Fagulha, 1992, 1993, 1997) é uma técnica projectiva de completamento de histórias, que se destina a crianças dos 5 aos 11/12 anos e que pretende descrever o modo como as crianças elaboram as emoções de ansiedade e de prazer, estados afectivos com uma importante função adaptativa no desenvolvimento psicológico (Freud, 1926/1978; Klein, 1932/1969).

A tarefa proposta na Prova "Era uma vez..." foi organizada com base nas teorias sobre a função expressiva do brincar (Winnicott, 1971/1975). A Prova é constituída por sete cartões que apresentam, sob a forma de banda desenhada, histórias incompletas relativas a acontecimentos comuns na vida de qualquer criança e que evocam emoções de ansiedade e de prazer. Cinco cartões remetem para situações ansiogéneas de natureza distinta – separação (Cartão I), doença (Cartão II), terrores nocturnos e pesadelos (Cartão IV), conflito entre os pais (Cartão VI) e dificuldades escolares (Cartão VII) – e dois remetem para experiências agradáveis, uma ida à praia (Cartão III) e o dia de aniversário (cartão V). Para cada cartão existem nove cenas que representam diferentes possibilidades de elaboração da experiência emocional evocada no cartão. À criança propõe-se que complete a história desenhada no cartão, escolhendo três dessas nove cenas e colocando-as em sequência. Após a selecção e organização das cenas em sequência, a criança conta a história que acabou de construir.

As nove cenas disponíveis por cartão agrupam-se em três categorias de três cenas cada: a categoria Aflição (A) é representada por cenas que retratam acontecimentos dolorosos ou associados a perigos, que reflectem a aflição desencadeada pelo episódio proposto no cartão. A categoria Fantasia (F) engloba as cenas em que a personagem consegue, através do recurso à fantasia, uma redução da tensão provocada pelos aspectos críticos do estímulo. A categoria Realidade (R) é constituída por cenas que representam ou o reconhecimento e a aceitação da realidade (dolorosa ou agradável) do cartão, ou estratégias de acção que visam a resolução da situação proposta no cartão.

Importa referir que as cenas que representam cada uma das categorias não são, propositadamente, equivalentes, de modo a possibilitarem uma maior variedade de expressão de significados nas respostas (e.g. a categoria Fantasia engloba cenas de Fantasia Viável e cenas de Fantasia Mágica).

As categorias das cenas escolhidas pela criança e as sequências organizadas com essas cenas traduzem o movimento interno de integração e de elaboração da ansiedade e do prazer, num *espaço transicional*, entre a fantasia e a realidade (Winnicott, 1971/1975). Este movimento permite compreender se a criança pode, ou não pode, aceitar a emoção desencadeada pelo cartão, se procura uma solução de fantasia para lidar com essa emoção, ou se a pode elaborar recorrendo a soluções realistas.

No sistema de codificação das respostas à Prova "Era uma vez...", a análise da categoria das cenas escolhidas e sua posição na sequência é fundamental e possibilitou a elaboração de normas para crianças dos cinco aos onze anos.

As histórias verbalizadas pela criança complementam e podem enriquecer a informação obtida a partir da análise da categoria das cenas e sua posição na sequência. O sistema de codificação das respostas à Prova "Era uma vez..." engloba itens relativos às verbalizações e à sua relação com a história previamente construída.

A maioria dos estudos da Prova "Era uma vez..." tem-se centrado na análise das cenas escolhidas, de acordo com a respectiva categoria, Aflição, Fantasia e Realidade, e sua colocação em sequência (na primeira, segunda ou terceira posição). No entanto, na apresentação da prova, Fagulha (1992) aponta a necessidade e o interesse do estudo das sequências englobando as nove cenas disponíveis, e não apenas as três categorias. A análise da especificidade de cada cena, na relação com as outras cenas da sequência e em função da temática particular de cada cartão é fundamental para a compreensão do movimento interno de elaboração das emoções suscitadas pelas histórias que constituem a Prova "Era uma vez...".

O presente trabalho consiste no desenvolvimento e estudo de um sistema de codificação das respostas *sequências de cenas* à Prova "Era uma vez..." que contempla a análise das sequências organizadas com base nas nove cenas disponíveis para cada cartão.

Com base nos pressupostos teóricos subjacentes à Prova "Era uma vez..." e na prática clínica, foram criadas quatro categorias de resposta relativas a diferentes possibilidades de confronto com a ansiedade e sua elaboração. Embora a Prova "Era uma vez..." apresente situações ansiogêneas e situações de prazer, é face à experiência de ansiedade que o esforço de adaptação/elaboração se torna premente. Assim, as categorias criadas referem-se, apenas, ao confronto e elaboração da experiência de ansiedade.

Definiu-se uma modalidade que traduz o não reconhecimento da ansiedade – *Negação* – e três modalidades em que este afecto é reconhecido. A *Estratégia Adaptativa Operacional* e a *Estratégia com Equilibração Emocional* correspondem a duas formas adaptativas, mas distintas, de elaborar a ansiedade. A *Impossibilidade* traduz o insucesso na elaboração adaptativa da ansiedade.

A estratégia da *Negação* traduz um movimento interno que impede a tomada de consciência dos aspectos perturbadores da situação, defendendo o ego da experiência de ansiedade (Freud, 1911/1978, 1923/1978; Cramer, 1991,1996). A *Negação* abarca todas as sequências de cenas em que a fantasia é utilizada como fuga face à situação dolorosa, permitindo o não reconhecimento do afecto perturbador (e.g. FFF, RFF, AFF). A *Estratégia Adaptativa Operacional* traduz um movimento interno de reconhecimento da ansiedade e tentativa de resolução da situação ansiogênea pelo recurso a estratégias de acção. Enquanto modalidade de confronto com a ansiedade assemelha-se às estratégias de *coping* descritas por Haan (1977), envolvendo escolhas deliberadas da parte do sujeito, orientadas para a realidade, as quais visam uma resolução pragmática e eficaz das situações (e.g. RRR, ARR, AAR). A *Estratégia com Equilibração Emocional* traduz um movimento interno de reconhecimento da ansiedade, sendo a fantasia utilizada para equilibrar, de modo flexível e criativo, a experiência

dolorosa. À luz da conceptualização de Winnicott (1971/1975), a elaboração da ansiedade é facilitada pelo recurso à fantasia, numa área transicional da experiência, em que a fantasia e a realidade se integram para proporcionar uma vivência criativa (e.g. ARF, AFR). A estratégia da *Impossibilidade* corresponde a uma elaboração da ansiedade desencadeada pela situação apresentada no cartão, que falha na possibilidade de conduzir a uma solução adaptativa (e.g. AAA, AFA).

Com o objectivo de validar os quatro critérios descritos foram realizados dois estudos. O Estudo 1 consistiu na análise da utilização das quatro estratégias de elaboração da ansiedade numa amostra de crianças entre os 6 e os 10 anos, sem perturbação psicológica identificada, com o objectivo de caracterizar a sua frequência e evolução com a idade, na globalidade da prova e em cada um dos sete cartões que a constituem.

No Estudo 1, consideraram-se as hipóteses de que a frequência de utilização das estratégias adaptativas – *Estratégia Adaptativa Operacional* e *Estratégia com Equilíbrio Emocional* – aumenta com a idade (Hipótese 1) e a frequência de utilização da estratégia defensiva *Negação* e da estratégia *Impossibilidade* diminui com a idade (Hipótese 2).

O Estudo 2 consistiu na análise comparativa das estratégias utilizadas por dois grupos considerados distintos do ponto de vista das suas capacidades de adaptação psicológica: o grupo de crianças sem perturbação psicológica identificada (Estudo 1) e um grupo de crianças, das mesmas idades, com perturbação psicológica identificada.

No Estudo 2, consideraram-se as hipóteses de que as crianças com perturbação emocional identificada, quando comparadas com as crianças sem perturbação emocional identificada, utilizam com maior frequência a estratégia *Negação* e a estratégia *Impossibilidade* (Hipótese 1) e utilizam com menor frequência as estratégias adaptativas – *Estratégias Adaptativa Operacional* e *com Equilíbrio Emocional* (Hipótese 2).

A verificação destas hipóteses gerais corresponde a uma validação dos critérios que fundamentaram a operacionalização das quatro modalidades de elaboração da ansiedade nas respostas *sequências de cenas* à Prova “Era uma vez...”.

Metodologia

Amostras

O grupo A (Estudo 1) é constituído por 100 crianças sem perturbação emocional identificada, com idades compreendidas entre os 6 e os 10 anos. O processo de constituição desta amostra baseou-se numa avaliação informal do grau de ajustamento psicológico das crianças, realizada pelos Professores/Directores dos Estabelecimentos de Ensino. Pediu-se-lhes que seleccionassem crianças com aproveitamento escolar regular, sem problemas de comportamento, com um estado de saúde regular e com um ambiente familiar sem problemas conhecidos. A amostra tem uma distribuição equitativa por nível etário e por sexo (20 crianças por nível etário, 10 do sexo feminino e 10 do sexo masculino).

O grupo B (Estudo 2) é constituído por 30 crianças, com idades compreendidas entre os 6 e os 10 anos, utentes do Serviço de Psicologia da Comissão de Protecção de Menores de Cascais. Estas crianças são atendidas nesse Serviço de Psicologia por apresentarem sinais de perturbação emocional, em consequência de situações extremas de violência física e/ou psicológica associadas a disfunções familiares graves. Formam um grupo heterogéneo do ponto de vista do diagnóstico psicológico.

Procedimento

A amostra das crianças do grupo A foi recolhida em escolas públicas e privadas da região da grande Lisboa¹.

As aplicações da Prova Projectiva “Era uma vez...” a crianças vítimas de negligência física e psicológica decorreram no contexto do processo de protecção e encaminhamento de menores levado a cabo pela Comissão de Protecção de Menores do Concelho de Cascais. Foram maioritariamente efectuadas pela psicóloga² responsável pelo Serviço de Psicologia da

Comissão de Protecção de Menores de Cascais e, em menor número, por estagiárias da área de Psicologia Clínica, sob coordenação da referida psicóloga. Este procedimento obedeceu, fundamentalmente, à intenção de manter e respeitar a relação já estabelecida pelas crianças com cada uma das psicólogas que as segue.

Operacionalização das estratégias de elaboração da ansiedade em cada um dos cartões da Prova “Era uma vez...”

- ❑ Identificaram-se as 504 sequências de cenas possíveis para cada cartão, tendo em conta as nove cenas disponíveis.
- ❑ De acordo com os critérios gerais de definição das quatro estratégias de elaboração da ansiedade, distribuíram-se as 3528 sequências de cenas possíveis no total dos sete cartões da prova, por cada uma das categorias. Quatro amostras de sequências de cada categoria, referentes a cada cartão, foram discutidas com a autora da prova.
- ❑ Foram registadas as 910 sequências de cenas correspondentes aos 130 protocolos dos Grupos A e B e categorizadas de acordo com os critérios estabelecidos.
- ❑ Procedeu-se ao estudo das frequências das quatro estratégias nos grupos A e B e à comparação das estratégias utilizadas pelos dois grupos, utilizando os testes estatísticos t-Student e Chi-Quadrado. Optou-se por um agrupamento dos sujeitos em dois grupos etários, um que abarca as crianças de 6, 7 e 8 anos e outro constituído pelas crianças de 9 e 10 anos. Esta opção foi tomada em função da disparidade de efectivos por grupo etário no grupo de crianças com problemas psicológicos identificados.

Resultados

No Estudo 1 descreve-se a frequência de utilização de cada estratégia de elaboração da ansiedade e a sua evolução com a idade, na globalidade da prova e em cada um dos sete cartões, nas crianças sem perturbação emocional identificada (Grupo A).

O gráfico 1 apresenta a frequência de utilização de cada uma das quatro estratégias nos níveis etários estudados. A sua evolução com a idade permite verificar um aumento progressivo da frequência de utilização das estratégias adaptativas – *Estratégia Adaptativa Operacional* e *Estratégia com Equilíbrio emocional* – e uma diminuição da utilização das modalidades ineficazes para lidar com as emoções, representadas pela *Negação* e pela *Impossibilidade*. Com o desenvolvimento, a criança torna-se mais capaz de reconhecer e de elaborar de um modo adaptativo as várias experiências emocionais com as quais é confrontada. Estes resultados são consistentes com os estudos de Fagulha (1992,1997) relativos ao padrão de respostas – operacionalizado enquanto *categoria de cena/sua posição na sequência* – em função da idade.

(Inserir aqui o Gráfico 1)

Em todos os grupos etários a *Impossibilidade* predomina em relação à *Negação*. Este dado é compreensível à luz da ausência de perturbação emocional identificada nas crianças desta amostra. Embora ambas as modalidades representem o insucesso na resolução da situação, a *Negação* foi conceptualizada como uma modalidade de fuga à situação crítica proposta no cartão através do recurso à fantasia, reflectindo a utilização de um mecanismo de defesa. A *Impossibilidade*, por sua vez, representa uma tentativa de resolução da situação que falha. A criança não procura, necessariamente, fugir aos aspectos críticos da situação proposta, mas tenta elaborá-los, não conseguindo integrá-los numa solução adaptativa.

A *Estratégia com Equilíbrio Emocional* predomina, em todas as idades, sobre a *Estratégia Adaptativa Operacional*. Do ponto de vista do movimento interno de elaboração das emoções desencadeadas pelos aspectos críticos do cartão, esta estratégia requer uma flexibilidade na gestão dos recursos emocionais que, em principio, ocorre com a maturação. Pelo contrário, a *Estratégia Adaptativa Operacional* representa uma modalidade factual e menos criativa de resolução da situação. A realidade crítica ou a aflição são elaboradas

através de uma solução da realidade, que traduz a capacidade de enfrentar e resolver as situações problemáticas propostas nos cartões.

A análise da frequência de utilização e da evolução de cada estratégia com a idade em cada um dos sete cartões que constituem a Prova "Era uma vez..." permite verificar um predomínio das estratégias *Impossibilidade* e *Equilibração Emocional* nos Cartões II, III, IV, V e VI. Com o desenvolvimento, observa-se um declínio das respostas que reflectem a *Impossibilidade* de resolver a situação e um aumento das possibilidades de utilização de *Estratégias com Equilibração Emocional*.

Os Cartões I e VII são semelhantes na medida em que suscitam predominantemente *Estratégias Adaptativas Operacionais*. Com o desenvolvimento, verifica-se nestes dois cartões, um aumento destas estratégias e uma diminuição do recurso à *Negação* ou de respostas que traduzem a *Impossibilidade* de lidar com a situação.

No estudo 2 procedeu-se à análise comparativa das estratégias utilizadas por dois grupos considerados distintos do ponto de vista das suas capacidades de adaptação psicológica: o grupo das crianças sem perturbação emocional identificada (Grupo A) e um grupo das crianças vítimas de negligência física e psicológica (Grupo B).

Foi utilizado o teste t-Student para comparar as médias das quatro estratégias de elaboração da ansiedade nos grupos A e B. As diferenças no padrão de respostas dos grupos A e B não são significativas a nível estatístico ($p > 0.05$).

Nos Gráficos 2 e 3 apresenta-se a evolução das estratégias de elaboração da ansiedade com a idade nos grupos A e B.

(Inserir aqui os Gráfico 2 e 3)

Embora as respostas das crianças vítimas de negligência física e psicológica não se diferenciem a nível estatístico das respostas das crianças sem perturbação emocional identificada, as diferenças encontradas vão no sentido esperado. Assim, o grupo de crianças vítimas de negligência física e psicológica tende a diferenciar-se do grupo de crianças sem

perturbação emocional identificada por recorrer mais à *Negação* (situação verificada em ambos os grupos etários) e mais a *Estratégias Adaptativas Operacionais* (também, em ambos os grupos etários). No grupo B, o recurso a *Estratégias com Equilíbrio Emocional* tende a diminuir com a idade, sendo a frequência média desta estratégia inferior à do grupo A, aos 9-10 anos.

A análise comparativa das estratégias utilizadas pelos grupos A e B em cada um dos sete cartões da Prova "Era uma vez..." foi efectuada através do teste não paramétrico Chi-Quadrado. As respostas dos dois grupos apenas se diferenciam significativamente no Cartão II ($\chi^2 = 9.35, p > 0.05$). No entanto, o padrão de respostas dos grupos A e B, aos 6-7-8 anos e aos 9-10 anos, apresenta evoluções divergentes em que surgem aspectos consistentes que merecem ser analisados tendo em conta a temática apresentada em cada cartão.

Nos gráficos 4 e 5 apresentam-se os resultados referentes ao Cartão I.

(Inserir aqui os Gráfico 4 e 5)

O Cartão I representa uma situação em que a personagem fica perdida da mãe, sozinha na rua. É uma situação que evoca ansiedades decorrentes de sentimentos de abandono. O padrão de respostas das crianças do grupo B revela que, na faixa etária dos 6-7-8 anos, a *Estratégia Adaptativa Operacional* é a modalidade menos utilizada e a *Negação* e a *Impossibilidade* as estratégias mais frequentes. Na faixa etária dos 9-10 anos, a *Estratégia Adaptativa Operacional* atinge um valor consideravelmente alto e que se destaca na comparação com o grupo A. Aos 9-10 anos, a *Negação* tem um valor nulo no grupo B. Conclui-se que as crianças vítimas de negligência física e psicológica parecem desenvolver, com a idade, mais estratégias operativas para encarar a situação de "ficar perdido na rua" representada no cartão. Este facto poderá entender-se à luz das suas experiências de vida. Tratando-se de crianças que são alvo de maus tratos e abandono por parte dos adultos responsáveis, terão desenvolvido modos de lidar com a situação de se sentirem perdidas e

abandonadas, que não parece ser para elas tão ameaçadora quanto para as crianças de famílias mais estruturadas e apoiantes.

Os gráficos 6 e 7 apresentam os resultados relativos ao Cartão II.

(Inserir aqui os Gráfico 6 e 7)

Neste cartão, a criança é confrontada com uma situação de doença que evoca ansiedade associada ao medo do sofrimento, da perda da integridade física, da separação (concretizada, por exemplo, num internamento) e, em última instância, da morte. As crianças do grupo B (vítimas de negligência física e psicológica) diferenciam-se das crianças do grupo A por recorrerem mais às *Estratégias Adaptativas Operacionais* (aos 6-7-8 anos) e à *Negação* (aos 9-10 anos). De acordo com a definição destas estratégias, as crianças do grupo B parecem lidar pior com a situação de doença evocada no cartão, eventualmente, por não terem uma experiência consistente do que é ser cuidado e estarem perante uma situação em que, necessariamente, têm de depender de terceiros. De facto, e ao contrário do que acontece noutros cartões, a resolução desta situação não está, totalmente, sob o controlo da criança. Para poder cooperar com o tratamento, a criança tem de aceitar os aspectos dolorosos da situação e tem, acima de tudo, de poder depender de um adulto, quer seja do médico, quer seja das figuras parentais.

Apresentam-se nos gráficos 8 e 9 os resultados referentes ao Cartão III.

(Inserir aqui os Gráfico 8 e 9)

O Cartão III confronta a criança com uma situação prazerosa, uma ida à praia e remete para um possível convívio com pares. A relação com o grupo de pares pode estar associada a uma certa ambivalência entre o desejo de aproximação e o temor de não se ser aceite pelo grupo. Estes aspectos, geradores de algum conflito, tendem a diminuir com o crescimento e com o aumento das experiências de convívio. Tal não acontece com as crianças do grupo B que, aos 9-10 anos, recorrem mais à *Negação* e a soluções que reflectem a *Impossibilidade* de elaboração dos aspectos críticos da situação do que as crianças do grupo A, parecendo

manifestar maiores dificuldades na relação com outros meninos, que se acentuam com a idade.

Os gráficos 10 e 11 são relativos aos resultados no Cartão IV.

(Inserir aqui os Gráfico 10 e 11)

O Cartão IV retrata a experiência de um pesadelo. Com o desenvolvimento, supõe-se que as crianças possam lidar de um modo mais adaptado com esta experiência que é muito comum no desenvolvimento infantil. Por comparação com o grupo A, no grupo B, em todas as idades (6-7-8 e 9-10 anos), verifica-se a utilização de *Estratégias Adaptativas Operacionais*, a qual sugere uma tendência para uma resolução da situação que se baseia numa estratégia de acção. No grupo B, principalmente nas idades superiores (aos 9-10 anos) há um predomínio do recurso à *Negação* que parece sugerir alguma dificuldade na elaboração da temática do cartão, tal como já se referiu na análise que se efectuou das respostas das crianças do grupo B aos Cartões II e III.

Os gráficos 12 e 13 apresentam os resultados do Cartão V.

(Inserir aqui os Gráfico 10 e 11)

O Cartão V representa um acontecimento agradável, o dia de aniversário, que para a maioria das crianças é marcado por manifestações de afecto e de atenção, muitas vezes traduzidas em linguagem de presentes, que funcionam como uma recompensa pelo que se desejou, mas não se recebeu noutras ocasiões. Para algumas crianças, a ausência de presentes é atribuída inconscientemente à necessidade de um castigo que possa apaziguar a culpabilidade resultante de desejos libidinais e agressivos difíceis de elaborar. As *Estratégias com Equilíbrio Emocional* predominam nos grupos A e B. No entanto, a análise da evolução destas estratégias com a idade, permite verificar que, no grupo das crianças vítimas de negligência física e psicológica, aos 9-10 anos, ocorre uma ligeira diminuição do recurso à Equilíbrio Emocional, que é acompanhada por um aumento da *Impossibilidade* de fazer face à situação. O padrão de respostas das crianças do grupo B traduz um acentuar de

dificuldades na elaboração das emoções evocadas por este cartão com a idade, que se supõe resultar do confronto com uma realidade adversa. O declínio da utilização das *Estratégias com Equilíbrio Emocional* no grupo das crianças vítimas de negligência física e psicológica, aos 9-10 anos, ocorre neste cartão e nos Cartões III e IV.

Os gráficos 14 e 15 apresentam os resultados referentes ao Cartão VI.

(Inserir aqui os Gráfico 14 e 15)

O Cartão VI retrata uma situação de conflito entre o casal, presenciada pela criança. Esta situação não está sob controlo da criança e importa avaliar como é que a criança se posiciona em face do conflito, ou seja, até que ponto é capaz de encontrar um equilíbrio entre a dependência e a autonomia em relação ao casal. A comparação das estratégias utilizadas por ambos os grupos, permite verificar que aos 6-7-8 anos, no grupo das crianças vítimas de negligência física e psicológica, a *Impossibilidade* atinge o valor mais alto, para decrescer a um valor nulo aos 9-10 anos. No grupo B, aos 9-10 anos, a *Estratégia Adaptativa Operacional* tem um valor que sobressai nitidamente em relação ao grupo A. Esta estratégia e a *Estratégia com Equilíbrio Emocional* correspondem às principais modalidades utilizadas no grupo B pelas crianças mais velhas. Tal como se referiu na análise das respostas ao Cartão I, a situação de vida das crianças do grupo B torna, provavelmente, mais conhecido este episódio no dia-a-dia de famílias disfuncionais, onde a discussão pode ser um mal menor, se comparada à violência. Assim se pode entender que as crianças vítimas de negligência física e psicológica pareçam encarar a temática deste cartão como menos ameaçadora e apresentem um ligeiro predomínio de *Estratégias Adaptativas Operacionais*, que parece sugerir uma capacidade para desenvolver estratégias de acção adequadas para enfrentar a situação presente no cartão.

Nos gráficos 16 e 17 são apresentados os resultados referentes ao Cartão VII.

(Inserir aqui os Gráfico 16 e 17)

O Cartão VII remete para uma situação de aprendizagem escolar e evoca sentimentos de desvalorização que podem resultar do confronto da criança com as suas dificuldades na presença da professora e do grupo de pares. Neste cartão, tal como nos Cartões II, III e IV, o recurso à *Negação* é mais frequente nas crianças vítimas de negligência física e psicológica. A *Negação* é a modalidade mais utilizada pelas crianças de 6-7-8 anos. Aos 9-10 anos, predomina a *Impossibilidade* de resolver a situação proposta no cartão. Neste grupo, e ao contrário do que acontece no grupo A, o recurso a *Estratégias Adaptativas Operacionais* não aumenta com a idade, verificando-se, aos 9-10 anos, uma ligeira diminuição no número de respostas que traduzem o recurso a este tipo de estratégia. O grupo de crianças vítimas de negligência física e psicológica parece apresentar dificuldades acrescidas na elaboração da situação evocada neste cartão e essas dificuldades ficam evidentes no predomínio das soluções que reflectem a *Negação* da realidade dolorosa e, com o aumento da idade, a *Impossibilidade* de resolver a situação crítica proposta no cartão.

Conclusões

Neste estudo, procedeu-se à identificação e posterior validação de quatro estratégias de elaboração da ansiedade nas respostas *sequências de cenas* à Prova “Era uma vez...”.

A descrição das estratégias de elaboração da ansiedade, utilizadas por um grupo de 100 crianças sem perturbação emocional identificada, em função da sua evolução no percurso do desenvolvimento e da especificidade de cada um dos sete cartões da Prova “Era uma vez...” constituiu o Estudo 1. Neste estudo, os resultados obtidos relativamente à evolução das estratégias com a idade, são concordantes com os estudos sobre a diminuição da utilização da *Negação* como consequência do desenvolvimento. Também o aumento da utilização de *Estratégias Adaptativas – Estratégias Adaptativas Operacionais e Estratégias com Equilíbrio Emocional* – ocorre de acordo com o esperado. Verifica-se que as crianças mais novas apresentam maiores dificuldades na elaboração das situações críticas propostas nos cartões e tendem a organizar respostas que traduzem essa incapacidade de resolução da

situação. Com a idade, ocorre um aumento do recurso a estratégias adaptativas de resolução de problemas que parecem traduzir novas e mais eficazes possibilidades de elaboração da ansiedade suscitada pelos cartões.

No que diz respeito às estratégias de elaboração da ansiedade mais utilizadas em cada um dos cartões da Prova “Era uma vez...” salienta-se o predomínio da utilização de *Estratégias Adaptativas com Equilibração Emocional* e de *Impossibilidade* de resolver a situação, nos Cartões II, III, IV, V e VI. O recurso a *Estratégias com Equilibração Emocional* é mais frequente nas crianças mais velhas, ao passo que a estratégia de *Impossibilidade* caracteriza as respostas das crianças mais novas. Os Cartões I e VII suscitam predominantemente *Estratégias Adaptativas Operacionais*. Estas aumentam com a idade, ao mesmo tempo que se verifica um declínio das respostas que reflectem estratégias de *Negação* dos aspectos críticos da situação ou estratégias de *Impossibilidade* de lidar com os mesmos.

O predomínio das *Estratégias Adaptativas Operacionais* ou da *Negação* e da *Impossibilidade* de resolver a situação nos Cartões I e VII merece ser discutido à luz do significado psicológico das estratégias consideradas. Pode supor-se que as temáticas apresentadas nestes dois cartões – perda/separação da mãe e incapacidade na tarefa escolar face ao grupo de colegas – suscitem ansiedades que ameaçam a integridade do funcionamento narcísico do indivíduo. Será assim menos acessível a possibilidade de equilibrar com uma fantasia criativa o sentimento ansioso. Pode ainda acrescentar-se que face às exigências de aprendizagem escolar é bem mais a solução realista – colocada no esforço – a que constitui uma resposta adaptativa.

Os restantes cartões que representam episódios ansiogéneos retratam vivências que exigem menos da capacidade pessoal e autonomia da criança para a sua solução. De facto, nos Cartões II e VI, a resolução da situação não depende directamente da criança. Este facto, ao mesmo tempo que pode contribuir para um sentimento de impotência e desamparo, pode despertar sentimentos de expectativa e esperança face aos adultos responsáveis se estes forem

sentidos como protectores (o que depende da característica dos objectos internos da criança). Numa amostra da população normal, o Cartão II dificilmente evocará ansiedades tão intensas como as que se encontraram em amostras de crianças com doenças terminais ou crónicas (Simões, cit. Fagulha, 2000; Partidário, cit. Fagulha, 2000). Supõe-se que, para a maior parte das crianças desta amostra, a doença esteja associada a alterações temporárias no quotidiano, muitas delas até agradáveis, como o não ter de ir à escola e poder receber mais atenção dos pais. Na mesma linha de ideias, a discussão entre os pais em crianças com famílias “normais”, acontecimento certamente experimentado e sem consequências drásticas, não será demasiado ameaçadora. O mesmo acontece com o Cartão IV que representa um pesadelo. Os pesadelos são comuns na infância e só quando são muito persistentes e intensos chamam a atenção para eventuais dificuldades emocionais, constituindo um sintoma que as assinala. As crianças desta amostra, provavelmente, quando acontece terem um pesadelo, poderão contar com os pais ou com outros adultos por elas responsáveis para as consolar e atender.

Os únicos dois cartões que remetem para a autonomia e independência em relação às figuras parentais são os Cartões I e VII. Ambos se referem a exigências do crescimento em que a criança precisa confiar nos seus próprios recursos para responder a estas situações que são situações vitais.

O aumento das estratégias adaptativas – *Equilibração Emocional* ou *Operacional* – com o desenvolvimento e a concomitante diminuição das estratégias de *Impossibilidade* e de *Negação*, sugerem a confirmação das hipóteses colocadas e constituem uma validação dos critérios que nortearam a operacionalização das quatro modalidades de elaboração da ansiedade nas respostas *sequências de cenas* à Prova "Era uma vez...".

O Estudo 2 centrou-se na descrição das quatro modalidades de confronto e de elaboração da ansiedade num grupo de crianças com perturbação psicológica identificada que esteve na origem do seu atendimento num Serviço de Psicologia de uma Comissão de Protecção de Menores. A comparação entre os resultados obtidos neste grupo e no grupo de

crianças sem perturbação emocional identificada não apresenta, de um modo geral, diferenças significativas a nível estatístico. No entanto, e ainda que, globalmente, os dois grupos apresentem padrões de resposta relativamente semelhantes, a evolução das respostas em função da idade permite identificar uma tendência de diferenciação entre os dois grupos. Nas crianças com perturbação psicológica identificada verifica-se, aos 9 e 10 anos, um aumento de frequência da utilização da *Negação* dos aspectos críticos da situação ou das respostas que reflectem a *Impossibilidade* de lidar com a situação. Embora em alguns cartões (e.g., Cartão I e Cartão VI) ocorra um aumento de estratégias de *coping* (*Estratégias Adaptativas Operacionais*), este foi entendido como o resultado da exposição a situações semelhantes e, provavelmente, mais intensamente ameaçadoras. Estas características do padrão de respostas das crianças vítimas de negligência física e psicológica parecem traduzir um agravamento das suas dificuldades emocionais o qual alerta para a necessidade de uma maior atenção ao seu acompanhamento.

A diferença no número de sujeitos nas duas amostras e, principalmente, a possível heterogeneidade do grupo de crianças com perturbação emocional identificada, em termos do seu funcionamento psicológico, podem explicar as limitações do presente estudo no que diz respeito à inexistência de diferenças significativas nas respostas dos dois grupos.

Numa apreciação global, considera-se que este estudo abre caminho a uma facilitação do processo de interpretação das respostas, na utilização clínica da Prova “Era uma vez...”, bem como lança pistas para uma linha de investigação a desenvolver em futuros estudos da prova. A colaboração de juizes independentes na atribuição das diversas categorias às *sequências de cenas* na Prova “Era uma vez...” é um aspecto a garantir em estudos futuros, o qual poderá, naturalmente, originar algumas alterações em relação ao estudo agora apresentado.

Bibliografia

Cramer, P. (1991). *The development of defense mechanisms. Theory, research, and assessment*. New York: Springer-Verlag.

Cramer, P. (1996). *Storytelling, narrative and the Thematic Apperception Test*. New York: Guilford Press.

Fagulha, T. (1992). *A Prova “Era uma vez...”: Uma prova projectiva para crianças*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Lisboa.

Fagulha, T. (1993). *“Era uma vez...”: Prova projectiva para crianças. Manual e material*. Lisboa.

Fagulha, T. (1994). A Prova “Era uma vez...”. Uma nova prova projectiva para crianças. *Análise Psicológica*, 4(12), 511-528.

Fagulha, T. (1996a, Julho). *“Once upon a time...”*. *A portuguese projective technique for children*. Comunicação apresentada no XV International Congress of Rorschach & Projective Methods, Boston.

Fagulha, T. (1996b). *Elaborando emoções entre a fantasia e a realidade. Comparação das cenas escolhidas para organizar as histórias da Prova “Era uma vez...” em crianças entre os cinco e os dez anos*. Comunicação apresentada no IV Simpósio Nacional de Investigação Científica, Lisboa.

Fagulha, T. (1997). *A Prova “Era uma vez...”. Manual e material (2ª ed.)*. Lisboa: CEGOC/TEA.

Fagulha, T. (1999). Era uma vez... um menino com medo de morrer. *Revista Portuguesa de Psicossomática*, 1(1), 89-100.

Fagulha, T. (2000). The Once-Upon-A-Time Test. In R. Dana (Ed.), *Handbook of Cross-Cultural and Multicultural Personality Assessment* (pp. 515-536). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Fagulha, T., & Duarte Silva, M.E. (1996). Estudo longitudinal das respostas ao cartão VII do Teste “Era uma vez...”, em crianças com e sem dificuldades de aprendizagem. In L. Almeida, S. Araújo, M. Gonçalves, C. Machado, & M. Simões (Eds.), *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos* (Vol. 4, pp. 119-129). Braga: APPORT.

Fagulha, T., & Pires, R. (1997). Mecanismos de defesa avaliados através da Prova “Era uma vez...”. In L. Almeida, S. Araújo, M. Gonçalves, C. Machado, & M. Simões (Eds.), *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos* (Vol. 5, pp. 45-52). Braga: APPORT.

Freud, A. (1964). *Le moi et les mechanisms de defense* (3ªed.). Paris: Presses Universitaires de France. (Trabalho original publicado em 1936)

Freud, S. (1978). The neuro-psychoses of defence. In J. Strachey (Ed. e Trans.), *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (Vol. 3, pp. 45-61). London: Hogarth Press and Institute of Psycho-Analysis. (Trabalho original publicado em 1894)

Freud, S. (1978). The ego and the id. In J. Strachey (Ed. e Trans.), *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 12-59). London: Hogarth Press and Institute of Psycho-Analysis. (Trabalho original publicado em 1923)

Freud, S. (1978). Inhibitions, symptoms and anxiety. In J. Strachey (Ed. e Trans.), *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (Vol. 20, pp. 87-172). London: Hogarth Press and Institute of Psycho-Analysis. (Trabalho original publicado em 1926)

Haan, N. (1977). *Coping and defending. Processes of self-environment organization*. New York: Academic Press.

Klein, M. (1969). *Psicanálise da criança*. São Paulo: Edições Mestre Jou. (Trabalho original publicado em 1932)

Winnicott, D.W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora. (Trabalho original publicado em 1971)

Winnicott, D.W. (1988). *Textos seleccionados: Da pediatria à psicanálise* (3ªed.). Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora. (Trabalho original publicado em 1951)

¹ Agradecemos à Dra. Ana Narciso Gomes, directora do Colégio “O Ninho”, à Dra. Isabel Soares, directora do Colégio Moderno, e aos psicólogos desta instituição, Dra. Margarida Duarte, Dra. Rita Basto e Dr. João Ferreira, a colaboração na realização deste estudo.

² A nossa gratidão para com a Dra. Sandra Pinto pela disponibilidade e rigor com que se prontificou a colaborar na recolha da amostra de crianças utentes do serviço de psicologia da Comissão de Protecção de Menores de Cascais.